



SILVA, Elizabeth
SILVA, Evandro Luiz
Acadêmicos do curso de Letras-Libras- Fasul;
SALVADOR, Janice
Prof^a Me. Orientadora;

PARNASIANISMO

INTRODUÇÃO

Iniciou em 1860 à 1866 na França. Depois da França o Brasil adotou esse estilo literário. No Brasil, o parnasianismo chegou na segunda metade do século XIX e teve força até o movimento modernista (Semana de Arte Moderna de 1922). O nome parnasianismo surgiu na França e deriva do termo "Parnaso", que na mitologia grega era o monte do deus Apolo e das musas da poesia. E assim na convergência de ideias anti-românticas como a objetividade no trato dos temas e culto da forma, que se situa a poética do parnasianismo. Os poetas parnasianos se preocupavam com a métrica dos poemas, as rimas (geralmente rimas ricas e raras), também construíam poesias descritivas, descreviam o real, mas não em análise, a forma fixa (sonetos) também era bem frisada, entre outros aspectos.

DESENVOLVIMENTO

Dentre os poetas do período, um que teve destaque foi Antônio Mariano Alberto de Oliveira (Palmital de saquarema, província do Rio de Janeiro, 1959-Niterói, 1937), Mais conhecido como Alberto de Oliveira. O parnasiano típico acabará deleitando-se alfaias, vasos e leques chineses, flautas gregas, taças de coral, ídolos de gesso em túmulos de mármore... Exaurindo-se na sensação de um detalhe ou na memória de fragmento narrativo.



Figura 1: Alberto de Oliveira

Entre a sua atitude estética e a de um pintor expressionista há uma diferença de peso, a mão deste é mais leve e pura, menos carregada de intenções; mas subsiste em ambos como fundo comum a ambição de fixar meridianamente o jogo da expressões visuais. De tal poética nasce a composição do quadro, da cena, do retrato:

Vaso Chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre o leque e o começo de um bordado,

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio,
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente de um calor sombrio,

Mas também por contraste a desventura
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a
Sentia um não sei com aquele chim
De olhos cortados com à feição de amêndoa

CONCLUSÃO

O poema em questão apresenta-se em forma fixa de um soneto. A descrição é marcante no poema. O poeta descreve um vaso feito por um artista Chinês, e também o local onde este vaso está, o desenho presente nele e suas cores. No soneto a ênfase maior é sobre o artista que usou de seus sentimentos para construir o vaso, deixando assim entender que o “fino artista” citado pelo poeta, é aquele que se utiliza de todos os meios e objetos possíveis para construção da obra, dessa forma ele se compara ao chinês. Isso, porque ele também construiu o soneto a partir da visão do vaso e admiração que ele teve do artista que o criou. O soneto mostra-se também com rimas ricas. No primeiro verso o verbo + pronome **Vi-o** rima com o adjetivo **Luzidio** do terceiro verso, isto é, as palavras rimadas pertencem a classes gramaticais diferentes. O uso de sinestésias aparece na segunda estrofe (último verso) quando o autor emprega os termos: “Tinta ardente” e “calor sombrio”. O poeta termina o soneto afirmando que o artista chinês ao compor o vaso transmitiu a ele um sentimento que não tem como explicar. Nesse viés de características próprias do Parnasianismo, o soneto se encaixa perfeitamente no período.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: CULTRIX, 2006, P.219-229.

PEREIRA, Rebeca Luiza Abreu. **Tríade Parnasiana: A análise poética em Alberto de Oliveira- VASO CHINÊS e O MURO -, Raimundo Correia- AS POMBAS e MAL SECRETO -, e Olavo Bilac- VILA RICA e PROFISSÃO DE FÉ.** 21 maio.2011. Disponível em: [HTTPS://www.webartigos.com/](https://www.webartigos.com/). Acesso em : 18 out.2015.